

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA, BLOCO VIII**

FELLIPE VIANA MOTA

**MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL:**  
**O Movimento Estudantil em Parnaíba-PI através do *Jornal Inovação* (1977 – 1982)**

Parnaíba – PI  
Fevereiro/2013

FELLIPE VIANA MOTA

**MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL:**  
**O Movimento Estudantil em Parnaíba-PI através do *Jornal Inovação* (1977 – 1982)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos requisitos parciais para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof. Esp. Francisco Antonio Machado Araújo.

Parnaíba – PI  
Fevereiro/2013

**FELLIPE VIANA MOTA**

**MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL:**

O Movimento Estudantil em Parnaíba-PI através do *Jornal Inovação* (1977 – 1982)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos requisitos parciais para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof. Esp. Francisco Antonio Machado Araújo.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2013

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Orientador Francisco Antonio Machado Araújo**  
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

---

**Prof. Francisco José Leandro Araújo de Castro**  
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

---

**Profª Esp. Maria Dalva Fontenele Cerqueira**  
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

## AGRADECIMENTOS

À Deus e à natureza por me manterem vivo e firme durante os quatro anos do curso e ter conseguido chegar até aqui.

A todas as pessoas que conheci e aprendi a conviver, que me fizeram de alguma forma ser o que sou até o presente momento.

Em especial à Camila da Silva Miranda(Bomba) pela imprescindível parceria, ao Sr. Reginaldo do IHGGP pelas adoráveis conversações e recordações, ao Danilton, Samuel e Isaílo e ao restante da turma pelas noites embaixo da mangueira regadas ao whisky piauiense e boas discussões históricas e culturais.

À minha família pelo apoio.

No restante, a todas as pessoas de alguma forma me ajudaram a construir os pequenos pedaços desta trajetória.

Se você é jovem ainda, jovem ainda, jovem ainda...  
Amanhã velho será, velho será, velho será...  
Ao menos que um coração, que um coração sustente...  
A Juventude que nunca morrerá!

## RESUMO

Este trabalho objetiva fazer uma análise do movimento estudantil da cidade Parnaíba através de um periódico mimeografado, o *Jornal Inovação* durante o período que abrange os anos de 1977 e 1982. Os principais objetos trabalhados nesta pesquisa são os exemplares digitalizados do periódico em questão, bem como outros textos que servirão de embasamento teórico e darão suporte na utilização de conceitos. No andamento do trabalho foram feitas várias comparações de forma a utilizar o mesmo conceito para caracterizar os dois objetos comparados, no caso alguns conceitos como o Movimento Estudantil, Imprensa Alternativa e Mobilização. Tais temáticas formam a base do anseio desta pesquisa que é identificar dentro do *Inovação*, como era representado o movimento estudantil parnaibano e como se dava sua relação com a ditadura militar, bem como entender o que pensavam e no que acreditavam os seus representantes.

**Palavras-chave:** Jornal Inovação, Movimento Estudantil, Mobilização, Imprensa Alternativa, Parnaíba.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the student movement Parnaíba city through a mimeographed periodical, the Journal Innovation during the period covering the years 1977 and 1982. The main objects worked in this research are the scanned copies of the journal in question, as well as other texts that serve as the theoretical basis and will support the use of concepts. In ongoing work multiple comparisons were made in order to use the same concept to characterize the two compared objects, if some concepts like the Student Movement, Alternative Press and Mobilization. These themes form the basis of this research that yearning is to identify within the Innovation, was represented as the student movement parnaíba's and how was his relationship with the military dictatorship, as well as understand what they thought and what they believed their representatives.

**Key-words:** Newspaper Innovation, Student Movement, Mobilization, Alternative Press, Parnaíba.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>Capítulo 1</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 2</b>	<b>22</b>
<b>Capítulo 3</b>	<b>29</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>36</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>37</b>
<b>Anexos</b>	<b>39</b>



## INTRODUÇÃO

“Um período muito conturbado e bastante significativo da História do Brasil, no que diz respeito aos movimentos sociais (com destaque para a juventude), foram as décadas de 1970 e 1980. Estes anos foram marcados pela ditadura militar, período “agitado”, em que o Brasil viveu um governo autoritário. É nessa época também, mais precisamente no final da década de setenta, que emergem com maior força no cenário brasileiro os movimentos sociais contrários ao sistema político vigente e os movimentos alternativos ligados às minorias (políticas e numéricas).

Esta temporalidade foi marcada, para muitos dos que a viveram, pela censura e também pela criatividade no campo das artes.” ( MENDES, 2012 – p. 19)

Como traz Sérgio Luiz<sup>1</sup> esse período no Brasil, ficou muito conhecido pela repressão e tortura à sociedade civil, os chamados Anos de Chumbo<sup>2</sup>. E em Parnaíba não foi diferente. Um dos fatos dessa não diferença que mais chama atenção foi sobre a ‘queima dos tapumes’ da Praça da Graça, onde alguns estudantes e outras pessoas da sociedade literalmente puseram fogo nos tapumes que envolviam a praça durante o ano de 1979 como protesto pelo descaso em relação à reforma da mesma praça.

Sérgio Luiz também fala sobre seu encanto com o tal episódio:

[...] O artigo versaria sobre a destruição e a queima dos tapumes que encobriam a destruída Praça da Graça no ano de 1979. [...] Naquele momento eu fiquei muito curioso e surpreso, pois se tratava de um acontecimento que teria marcado a história de Parnaíba e até aquele instante eu nunca tinha ouvido falar sobre nada parecido. [...](Mendes, 2012, p.13)

Foi então que assim como Sérgio (só que com outro objeto de estudo), essa pesquisa começou a versar sobre o poder que a juventude tinha quando se organizava e se mobilizava com qualquer tipo de propósito. Então daí pra frente começou-se a pesquisar sobre juventude e movimento estudantil para dentro das leituras identificar o que seria abordado na monografia. Então começou um trabalho de tentar entender como se dava a organização de uma entidade representativa estudantil, tendo como principal exemplo a UNE - União Nacional dos Estudantes<sup>3</sup>.

Depois havia a necessidade de organizar uma linha de raciocínio para poder colocar em ordem tudo o que havia de ser trabalhado. A partir desse ponto começaram os diálogos

<sup>1</sup> MENDES, Sérgio Luiz da Silva. Sem medir as palavras: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba – PI (1977-1982)/ Sérgio Luiz da Silva Mendes. – Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012.

<sup>2</sup> Skidmore, Thomas E., 1932- S639b Brasil: de Castelo e Tancredo, 1964-1985 / Thomas E. Skidmore; tradução Mario Salviano Silva. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

<sup>3</sup> Ver história da UNE em: <http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/> (acessado em: 16/11/2012)

com o Orientador Prof<sup>o</sup> Francisco Antônio Machado Araújo, ou como ele mesmo gosta de ser chamado, o Prof<sup>o</sup> Chiquinho que também desempenhou um papel importantíssimo quando foi aluno da Uespi – Campus Parnaíba e teve seus momentos de gozo acadêmico ao ser líder de movimentos e conseguir mobilizar a juventude universitária não só da Uespi, mas também de outras universidades dentro da cidade, do estado e de estados circunvizinhos.

Com o conhecimento de alguns trabalhos desenvolvidos por outros professores conhecidos a respeito do tema, mas não de forma a abordar a municipalidade do movimento, como o do Prof<sup>o</sup> Me. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior<sup>4</sup>, e o do Prof<sup>o</sup> Dr. João Batista Vale Júnior<sup>5</sup>, mais conhecido como João Júnior, esta pesquisa começa a ter mais base para falar do tema central, o movimento estudantil visto de forma micro.

Pronto, agora era começar. Então era hora de organizar o que fazer: procurar falar do ME (Movimento Estudantil) na cidade de Parnaíba, nos anos 1970 e início dos anos 1980, tomando como base algo que pudesse dar uma noção de mobilização do movimento. Foi quando se descobriu o *Jornal Inovação*, e junto dele as matérias que envolviam o ME e inúmeros outros indicativos de mobilização da juventude parnaibana contestadora. Com essa base em mãos agora a pesquisa precisava de algumas fontes, e foi usado o próprio informativo mimeografado.

Procura-se falar de movimentos sociais já que o ME é um movimento de uma “classe”<sup>6</sup> social. E para tal houve um diálogo com Maria da Glória Gohn<sup>7</sup> que é uma autora consagrada quando o tema é movimentos sociais ou os sejam quais forem os desdobramentos acerca das atividades de grupos sociais. Além de Hebe Castro<sup>8</sup> que também trouxe ótimas considerações.

Depois de já ter a base teórica estabelecida, necessitava-se de mais embasamento na parte do ME e do *Jornal Inovação* lendo o próprio jornal e tendo contato constante com o

---

<sup>4</sup> JUNIOR, Idelmar Gomes Cavalcante. Juventude em Movimento: um estudo sobre a constituição do *Movimento Estudantil* como categoria histórica. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior. Teresina – Universidade Federal do Piauí, 2007.

<sup>5</sup> JUNIOR, João Batista Vale. Longe demais das Capitais? Cultura política, distinção social e Movimento Estudantil no Piauí (1935 – 1984). João Batista vale Júnior – Niterói, 2010

<sup>6</sup> Não se referencia ao conceito de classe dogmatizado pelos estudos econômico-marxistas, mas sim ao conceito de grupo social.

<sup>7</sup> Gohn, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. Editora Loyola, Ipiranga – São Paulo, 6ª edição, 2007 – 358p.

<sup>8</sup> Capítulo “História Social” no livro Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

trabalho de Sérgio Luiz<sup>9</sup>, e mais próximo ainda de Antônio Mendes Júnior<sup>10</sup> e pesquisando também no livro de Poerner<sup>11</sup>.

No primeiro capítulo é trazida ao leitor uma noção contextualizada do quadro político e social do Brasil durante as décadas de 1970 e 1980 para que o mesmo se sinta situado com relação ao recorte temporal e as peculiaridades do que acontecia no Brasil na época. Os principais fatos desse primeiro capítulo são as relações que se estabeleceram entre a sociedade civil e a ditadura civil-militar de 1964. Bem como a relação que o regime militar desenvolveu com a massa estudantil protestante e insatisfeita com a situação imposta.

No segundo é trazida uma discussão sobre Os instrumentos de mobilização desenvolvidos pelo ME e frisando/desenvolvendo a Imprensa Alternativa como o recurso usado pelos estudantes aqui em Parnaíba. Para isso foram somadas leituras como as de Bernardo Kucinski<sup>12</sup>, referência em imprensa alternativa e mais uma vez conversando<sup>13</sup> com Antonio Mendes Junior.

No terceiro e último capítulo serão abordadas as respostas e desdobramentos dos questionamentos que foram feitos na problemática do trabalho: como se mostrava organizado o ME parnaibano de acordo com as páginas do *Inovação*; como se dava o ME com a sociedade de então; como era a relação com o aparato militar da época; quais as considerações e mudanças que o ME causou; se tinha algum tipo de envolvimento com outras entidades representativas estudantis pelo Brasil.

A metodologia usada no trabalho foi a leitura e análise dos periódicos do *Inovação* respectivamente aos do recorte temporal da pesquisa(1977 a 1982) , bem como outras leituras para consistência teórica e empírica. Além da leitura e análise textuais dos livros e artigos usados na pesquisa para nortear a utilização de conceitos.

Esta pesquisa objetiva responder a alguns questionamento que circulam entre as perguntas: De que forma o Movimento Estudantil parnaibano aparece apresentado no *Jornal Inovação* ? O Movimento Estudantil parnaibano tinha algum tipo de contato com os movimentos estudantis nacionais? O que pensava e no que acreditava a juventude compositora do Movimento? Como se mobilizava o Movimento Estudantil na cidade?

---

<sup>9</sup> MENDES, Sérgio Luiz da Silva. Sem medir as palavras: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba – PI (1977-1982) / Sérgio Luiz da Silva Mendes. – Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012.

<sup>10</sup> JUNIOR, Antonio Mendes. Movimento Estudantil no Brasil. Antônio Mendes Junior. São Paulo, Editora Brasiliense: 2ª ed. 1982.

<sup>11</sup> Poerner, Arthur José, 1939 - O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros / Arthur José Poerner. - 5. ed. ilustrada, rev., ampl. e atual. - Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

<sup>12</sup> KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

<sup>13</sup> Referência à pesquisa que foi feita em seus textos e a consequente interpretação e uso no trabalho.

## Capítulo 1. Ditadura, Estudantes e o se fazer ouvir.

Com o advento do golpe militar de 1964, o Brasil foi protagonista de uma série de eventualidades singulares nos campos político e social. Entre prisões e manifestações, o que mais se destaca e caracteriza esse período de maneira mais ampla foi com certeza a amputação das liberdades da população brasileira. Como já se sabe as manifestações contra essas medidas ditatoriais militares foram as mais diversas, como as passeatas, as greves, os CPC's da UNE, as manifestações através de músicas e artes das mais diversas, e sem dúvida, as atuações do Movimento Estudantil (um dos principais movimentos sociais), que viveu seu principal momento de atuação. Uma vez que era a mais forte forma de protesto da sociedade diante da situação político-cultural calamitosa que o país vivia em tal período. Acerca disso, Antônio Mendes Junior nos diz que:

em muitos momentos da vida nacional, os estudantes se converteram em verdadeiros 'pontas de faca' de uma sociedade amordaçada, reprimida e oprimida, atuando do sentido de desencadear movimentos de caráter mais amplo e que desembocaram em sérias transformações políticas no País. [...] foi decisiva a participação dos estudantes, ou seja, eles, enquanto componentes de um movimento, assumiram o papel de fenômeno político de primeiro plano. (JUNIOR, 1982, p.8)

Mas, antes de nos aprofundarmos na questão do Movimento Estudantil é necessário que se fale sobre o contexto político-social nacional nas décadas de 1970 e 1980, uma vez que é dentro desses 20 anos que se concentra o recorte temporal desta pesquisa.

As décadas de 1970 e 1980 são do ponto de vista cultural e político, uma espécie de consequência do que foi vivido na década de 1960, em especial dois anos distintos: o ano de 1964 e o ano de 1968. Famoso por ser protagonista de um dos maiores eventos políticos da história do Brasil, o ano de 64 é principalmente caracterizado pela tomada do poder pelos militares. Apoiado por

“pessoas e entidades da sociedade civil, de órgãos representativos do poder econômico nacional, de uma parte considerável dos superiores da hierarquia católica e ainda de importantes órgãos de comunicação de massa que se proclamam tradicionalmente liberais”<sup>14</sup>,

passou por vários desdobramentos etápicos, que de todo modo atendiam a demandas internacionais vindas de comando dos Estado Unidos, uma vez que a potência mundial do capitalismo estava no calor do entrave político-ideológico contra a extinta União Soviética e

---

<sup>14</sup> Dalmo A. Dallari em “A ditadura Brasileira de 64”.

por isso “buscava<sup>15</sup>” apoio principalmente nos países da América Latina, e o Brasil se tornou um quintal perfeito para tal, pois era um país emergente que buscava se enturmar no seleto grupo das grandes potências mundiais e nada melhor que estar ao lado da maior delas.

Pois bem, os rebeldes militares que atentavam para impor a sua governabilidade estavam num primeiro momento atentos a dois passos primordiais para a consolidação da tomada de poder. O primeiro deles era: “frustrar o plano comunista de conquista do poder e defender as instituições militares”<sup>16</sup>, e o segundo, mais difícil e mais importante era: “restabelecer a ordem de modo que se pudessem executar reformas legais”<sup>17</sup>. O primeiro dos passos foi fácil de fazer pela pressão estabelecida em cima do presidente do Senado, Auro Moura, que declarou vaga a cadeira da presidência da ‘república’ brasileira. E agora que os militares revoltosos conseguem abrir vacância presidencial, os mesmos estão em um dilema: não poder colocar alguém lá por ser isso um ato anticonstitucional, visto que para a substituição do Presidente, há três opções: “por renúncia, por impedimento votado pelo Congresso ou por se afastar do país sem aprovação legislativa.”<sup>18</sup>

Visto que a deposição de Goulart era inevitável frente à sua não aceitação por parte dos comandos civis e muito menos dos militares, o procedimento a ser seguido era que o presidente da Câmara dos Deputados (Ranielli Mazzilli) que obedeceu às investidas militares ficando no cargo máximo do país até que houvesse uma nova eleição em no máximo 30 dias, e nomeando três dos principais militares para ministros, fazendo com que se fortificasse ainda mais o suporte para a ditadura. Assim sendo, Castelo Branco foi indicado à presidência e foi ‘bem recebido’, visto que era um dos generais mais venerados da ‘linha dura’ por ser muito conservador e ter se absterido de envolvimento político até então. Isso claro desobedecendo às obrigações constitucionais e tentando mascarar o golpe de certa forma, uma vez que o citado general ao era ‘envolvido com política’.

Thomas Skidmore em seu *Brasil: De Castelo a Tancredo* nos dá uma noção de que junto com o pacote militar veio ainda o primeiro Ato Institucional decretando que:

“(1) O presidente pode apresentar emendas constitucionais ao Congresso, que terá apenas 30 dias para examiná-las, sendo necessário para sua aprovação apenas o voto da maioria (ao contrário dos dois terços requeridos pela Constituição de 1946).

<sup>15</sup> O sentido empregado ao verbo “buscar” no contexto em destaque não se refere à procura, mas sim à compra de apoio, e chantagem político-econômica, uma vez que os E.U.A. financeiramente banhavam o Brasil.

<sup>16</sup> Skidmore, Thomas E. De Castelo a Tancredo. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988 – p. 28.

<sup>17</sup> \_\_\_\_\_.

<sup>18</sup> \_\_\_\_\_.

- (2) O presidente tem o exclusivo poder de apresentar projetos de lei envolvendo despesas ao Congresso, o qual fica impedido de alterar para mais qualquer artigo referente a gastos do governo.
- (3) O presidente tem o poder de declarar o estado de sítio por até 30 dias ou prolongá-lo por mais 30 dias no máximo (com a exigência de um relatório ao Congresso dentro de 48 horas).
- (4) O presidente, "no interesse da paz e da honra nacional", tem amplos poderes para suspender por 10 anos os direitos políticos de qualquer cidadão e cancelar os mandatos de legisladores federais, estaduais e municipais.
- (5) Suspensão da estabilidade dos servidores públicos por seis meses." (Skidmore, 1988, p. 48-49).

Com a simples leitura desses pontos do Ato temos um indicativo de como seriam os anos sucessores desses processos iniciais dos chamados “Anos de Chumbo”<sup>19</sup> na história brasileira recente. Perseguição, repressão, tortura; todo um verdadeiro cardápio ditatorial para servir a população com o mais puro intermédio da força, sempre com a desculpa de manter em ordem a moral e os bons costumes nacionais, visto que “no Brasil crescia um sentimento nacionalista”<sup>20</sup>.

O AI-1 anunciava que a eleição presidencial ia ser indireta e irregular; o AI-2 expurgava o pluripartidarismo do Brasil e abria caminho para o bipartidarismo (Arena x MDB) além de ‘eleger’ o presidente através do voto apenas de deputados e senadores; o AI-3 cessou as eleições diretas para governador (agora eleito através de assembleia legislativa) fazendo com que apenas os deputados tivessem direito ao voto, sendo que estes teriam de anunciar de quem seriam apoiadores (declarando que a Arena governaria de vez o Brasil); o AI-4 “convidava” o Congresso para uma votação e outorga da Constituição de 1967 e a revogação definitiva da Constituição de 1946; e o AI-5 que é o mais famoso de todos (num total de 17 Atos Institucionais complementados e regulamentados por 104 Atos Complementares)<sup>21</sup> por acabar de vez com o último suspiro de liberdade experienciada desde a implantação do regime, trazendo perseguições a reuniões, passeatas, congregações religiosas e quaisquer aglomerações de pessoas tidas como suspeitas ou subversivas, que pudessem atentar contra a estrutura diamântica de ordem e repressão do Governo.

É então dentro desse cenário que ganham força os movimentos de contestação ao regime, dos quais gostaria de destacar a participação do Movimento Estudantil como um dos mais importantes e por ser um dos enfoques da pesquisa. A juventude estudantil se tornou um mal especial a ser combatido pelas autoridades militares visto que “os estudantes, que vinham

<sup>19</sup> OS ANOS de chumbo: a memória militar sobre a repressão/ Introdução e Organização Maria Celina D'Araujo, Glauco Ary Dillon Soares, Celso Castro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

<sup>20</sup> DALLARI, Dalmo A. A Ditadura Brasileira de 64.

<sup>21</sup> Para mais detalhes sobre os atos institucionais e os atos complementares acessar: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Atos\\_Institucionais](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atos_Institucionais) (acessado em 20/11/2012).

de conquistas como a duplicação de vagas na Universidade do Brasil (...), passaram (...) à condição de elementos de alta periculosidade para a segurança nacional, aos olhares ‘eternamente vigilantes’ das novas autoridades”<sup>22</sup>.

Artur José Porner desenvolveu um trabalho excelente acerca da juventude brasileira e sua participação política através da história em *O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*, e sobre essa relação entre a Ditadura e o M.E. (especificando a que tipo de juventude que é trazido a vós na pesquisa) ele relata:

O pensamento da ditadura quanto à universidade e aos estudantes se resumia numa “solução”: o “tratamento de choque” – como diria o sr. Roberto campos – para “acabar com a subversão”. Tratava-se (...) de expulsar o demônio da rebelião patriótica daqueles corpos jovens, substituindo-o pelo anjo da subordinação aos interesses antinacionais. Para que esse objetivo (...) fosse alcançado (...) valia tudo: suspender, expulsar, prender e torturar estudantes; demitir professores; invadir faculdades; intervir, policialmente, nas entidades estudantis; proibir qualquer tipo de reunião ou assembleia estudantil; acabar com a participação discente nos órgãos colegiados da administração universitária; decretar a ilegalidade da UNE, das nações dos estudantes nos Estados e dos diretórios acadêmicos; destruir a Universidade de Brasília; deter, enfim, o processo de renovação do movimento estudantil e da universidade em nosso país.

Esse quadro acima apresentado por Poerner vai ser mais intensificado a partir de 1968, com o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5) que como já foi mencionado, cessa de vez as liberdades civis da população brasileira. Com esse episódio alguns autores decretam que a década de 1960 teve seu fim; e que foi dividida em dois episódios distintos: os anos 60 até o golpe de 1964 e a segunda metade em 1968 que junto com os direitos civis acaba também com a década. Pode parecer incomum fazer tal relação de datas e acontecimentos, mas é bom lembrar que quando se fala em acontecimentos, fatos históricos, o tempo cronológico não é substancialmente o principal pilar de conexão de dados, mas sim os fatos históricos que criam divisões e conceitos, como no caso o golpe de 64 e o AI-5 de 68. E dando continuidade à mesma ideia de ruptura não cronológica, Maria Rita Kehl<sup>23</sup> nos trás uma reflexão acerca do que ela classifica como “duas décadas de 70 no Brasil”; confira:

Posso falar de pelo menos duas décadas de 1970 no Brasil. A primeira começou no dia 13 de dezembro de 1968. Isso mesmo. O Ato Institucional nº 5, AI-5, encerrou precocemente nossa promissora década de 1960. Embora o regime militar tenha começado em abril de 1964, durante os quatro anos seguintes o país ainda não tinha abandonado as grandes esperanças inauguradas no curto período do governo João Goulart. [...] Os

<sup>22</sup> POERNER, Artur José. *O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 4ª ed. São Paulo: Centro de memória da Juventude, 1995.

<sup>23</sup> Maria Rita Kehl em *As duas décadas dos anos 70*, no **ANOS 70: trajetórias**. – São Paulo. Iluminuras: Itaú Cultural, 2005. p. 31.

anos 70, que iniciaram em 1969, foram terríveis. Todo mundo parecia apoiar a ditadura. [...] O plano econômico, apelidado de “milagre brasileiro”, além de enriquecer ainda mais a burguesia – grande novidade! -, propiciou a expansão da classe média e elevou os padrões de consumo de muitas famílias [...]. [...] o *Jornal Nacional* passa a veicular a falsa imagem de que o Brasil é a “ilha da paz e tranquilidade” [...]. Pois é, a década de 1970 começou repressiva. Sangrenta e careta. O “povo brasileiro” parecia gostar da ditadura. Os poucos heróis que tentavam fazer a guerrilha foram se isolando, sem respaldo, nem dos camponeses, nem do proletariado. O país estava triste e ufanista ao mesmo tempo. [...] Na segunda metade da década de 1970, coisas importantes ocorriam no âmbito do comportamento, dos costumes, do modo de vida – pelo menos dos jovens da classe média urbana e universitária. Eram os efeitos das reviravoltas causadas pelos estudantes europeus e norte-americanos, no fim dos anos 60, que chegavam com certo atraso aqui. Não sei se foi a crise internacional do petróleo, [...] que enfraqueceu os efeitos do milagre econômico, ou se ele iria arrefecer de qualquer jeito porque, em economia, não existem milagres, só truques de curta duração. O fato é que a credibilidade da ditadura foi diminuindo e as tais “brechas no sistema” apareceram.

De acordo com as descrições de Maria Rita podemos ter uma noção de que os desdobramentos político-sociais pelos quais passaram a década de 1970 formaram no mínimo um caleidoscópio de emoções e mudanças. É ainda durante a década de 1970, iniciada depois do AI-5 em 68, que os movimentos sociais ganham intensidade e notoriedade dentro do sistema militar, principalmente no que infelizmente se dirige a prisões, tortura, exílios e quais outros criativos tipos de punição militar de então, visto que a ditadura estava no seu auge. Foi também a década dos choques de realidade onde perdemos, irrecuperavelmente como já falou Kehl, inúmeros representantes de lutas sociais que desistiram por se sentirem sufocados pela nova ordem, onde estudantes (necessariamente sentidos em falta) deixaram os seus sonhos de revolução e ruptura para trás, acreditando que os ideais sociais eram de fato um caminho perdido e ilusório.

Além de tentar atrofiar as capacidades discursivas e opinativas da população, principalmente dos estudantes, a ditadura e os seus tentáculos abraçaram mortiferamente sonhos, realizações, conquistas, histórias de amor, planos de vida e porque não vidas. Unidos dessas e de outras indignações as massas organizam-se em busca de respostas e juntos com elas, mudanças, diante da insatisfação. Começa então a contabilização dos diversos movimentos sociais (agora intensificados) no Brasil. Podemos teorizar os movimentos sociais através das palavras de Maria da Glória Gohn<sup>24</sup>:

“A mudança social passava, portanto, pela perspectiva da reforma social. A sociologia enquanto ciência fornecia o conhecimento. Como a reforma era

---

<sup>24</sup> Gohn, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. Editora Loyola, Ipiranga – São Paulo, 6ª edição, 2007.



necessária para o progresso, concluía-se que a sociologia também era útil para esta reforma. Os agentes básicos neste processo de mudanças eram as lideranças. Isto ocorria porque o binômio indivíduo-sociedade tendia a privilegiar, ao final do processo, o primeiro termo e, conseqüentemente, a individualização. [...] a sociedade era uma questão de comunicação e esta continha a possibilidade de maior consciência. Portanto, a necessidade era de líderes bem formados, que estimulassem a mudança por meio de seus próprios exemplos, da realização de suas próprias vidas e das relações que estabeleceram com os outros. A transformação passava pela cooperação voluntária, vista como resultado natural da interação grupal.” (Maria, 1997 – p. 176)

A partir das considerações de Gohn para o que caracteriza os movimentos sociais enquanto ‘organização popular para obtenção de transformações’ podemos perceber sob qual justificativa se moldaram os mais diversos grupos sociais de reivindicação social no Brasil na década de 70. Gostaria de então adentrar no âmbito da atuação do movimento estudantil enquanto categoria história inserido no leque de movimento social, visto o contexto sócio-político nacional de então e do enfoque temático descrito nas linhas cima do presente trabalho.

Pois bem, o movimento Estudantil no Brasil como categoria história representativa e com um corpo característico de movimento social só se concretiza nessa definição a partir da criação da União Nacional dos Estudantes em “11 de abril de 1937. Na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, o então Conselho Nacional de Estudantes conseguiu consolidar o grande projeto, já almejado anteriormente algumas vezes, de criar a entidade máxima dos estudantes. Reunidos durante o encontro, os jovens a batizam como União Nacional dos Estudantes (UNE). Desde então, a UNE começou a se organizar em congressos anuais e a buscar articulação com outras forças progressistas da sociedade.”<sup>25</sup>

Após o decreto do Ato Institucional nº 5, o regime militar se torna mais pressionador e pungente à repressão de qualquer “atitude subversiva” independente da autoria e da natureza do ato. Tendo em vista esse panorama, além dos quadros político, social e econômico brasileiros estarem em plena calamidade dirigente, as massas intensificam as suas tentativas e concretizações de manifestações revoltosas contra o quadro apresentado. Como foi explanado acima, e por ser um dos pilares estudados nesta pesquisa, apresentarei o Movimento Estudantil e seus âmbitos de atuação e composição como um dos elementos de contestação popular desaprovando a Ditadura.

---

<sup>25</sup> Ver história da UNE em: <http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/> (acessado em: 11/11/2012)

O M.E. no começo dos anos 70 (identificados com o AI-5 de 68 por Maria Rita Kehl<sup>26</sup>) tem suas atividades perseguidas e ameaçadas pelos olhos “sempre atentos” da repressão. O XXX Congresso da UNE foi sufocado pelo chamado CCC (Comando de Caça aos Comunistas) - que era uma organização paramilitar de direita, com apoio de investidores civis (latifundiários, empresários, etc.) favoráveis ao regime -, a duras penas, de tiros direcionados para ‘silenciar’ a atuação suspeita dos estudantes na Faculdade de Filosofia na Universidade de São Paulo em 1968. Isso além de granadas de gás e espancamentos, enquanto os estudantes reunião no salão Principal da universidade pedras, rojões e “coquetéis Molotov”<sup>27</sup> para tentar combater uma possível “repressão”.

Essa ação de ‘se preparar’ para uma possível repressão militar é um pequeno exemplo do ressurgimento das atuações político-sociais do M.E. após principalmente à famosa morte do estudante Edson Luís por militares no restaurante universitário Calabouço, no Rio de Janeiro. Após acompanhar o enterro do estudante numa massa de mais de 50 mil pessoas entoando os dizeres: “Nesse luto, começou a luta”<sup>28</sup>. Com a supressão de atuação política de qualquer natureza, muitos estudantes serão levados a buscar apoio e fortificar seus ideais transformadores da sociedade em grupos declaradamente de esquerda, além de guerrilhas armadas. Muitos desses grupos e guerrilhas eram compostos por ex-membros e dissidentes de partidos políticos que foram arrastados à clandestinidade com a extinção do pluripartidarismo e com o sufocamento das liberdades de expressão dos mesmos partidos como, por exemplo, o antigo PCB (que teve em Carlos Marighela, um dos seus ex-membros do Comitê Central do Partido) criando através de ex-membros a ALN (Aliança Libertadora Nacional), ainda a criação do PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário) e a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). Nota-se que as nomenclaturas dos grupos/partidos têm forte ênfase nas expressões “Liberdade e Revolução”, o que acentuava seus anseios. Todas essas dissidências foram importantes personagens na luta armada – literalmente – que foi travada com a ditadura principalmente nos anos 70.

“Todas essas organizações atraíram – em maior ou menor grau – os quadros egressos do Movimento Estudantil, que abandonaram seus estudos, empregos, famílias, ingressando numa dura vida clandestina, da qual conseguiram sair presos ou mortos. Eram, deve-se dizer aqui, os melhores, mais corajosos, mais idealistas filhos que esse País já teve, e fizeram parte de uma geração marcada para sempre.”<sup>29</sup>

<sup>26</sup> Maria Rita Kehl em *As duas décadas dos anos 70*, no **ANOS 70: trajetórias**. – São Paulo. Iluminuras: Itaú Cultural, 2005. p. 31.

<sup>27</sup> Antonio Mendes Junior: *Movimento Estudantil no Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense: 2ª ed. 1982, p.83

<sup>28</sup> (Artur J. Poerner, op. cit)

<sup>29</sup> Antonio Mendes Junior: *Movimento Estudantil no Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense: 2ª ed. 1982, p.88-89.

Vale lembrar aqui e dar continuidade às formas diversas que o M.E. quase velado conseguiu desenvolver em tempos tempestuosos para demonstrar suas ideias, insatisfações, opiniões, seus anseios, seus sonhos e suas conquistas, ainda que fossem não-aceitas e/ou sufocadas: As passeatas de protesto, os próprios Congressos da UNE em sua quase totalidade, os CPC's (Centros Populares de Cultura) da UNE, as manifestações artísticas das mais diversas como música, arte, cinema, imprensa alternativa, marginal, peças de teatro, projetos educacionais como o da Campanha de Alfabetização de Adultos desenvolvido pelos métodos do Professor Paulo Freire<sup>30</sup> e inúmeros outros modelos de proliferação protestante contra o regime, principalmente por parte dos estudantes, agora com a ajuda de outros segmentos 'subversivos' como os citados grupos/partidos mais acima.

É uma gama infindável e em cada uma das opções de contestação existem inúmeras propriedades que poderiam ser incansavelmente exploradas em trabalhos investigativos, o que infelizmente não seria oportunizado trabalhar sua totalidade em uma pesquisa de tais dimensões como essa. Então, diante dessa perspectiva, far-se-á a inserção e posteriormente a análise de periódicos e jornais da chamada 'imprensa alternativa' que adubou de material as leituras de quem se propunha a dar seu apoio à resistência às investidas militares, nesse caso, centrado no campo das letras.

Estará sendo analisado neste trabalho, o Jornal *Inovação*, através de alguns de seus conteúdos como instrumento de mobilização e expressão do movimento estudantil de Parnaíba, durante o período de 1977 a 1982. E para falar sobre o referido jornal, classificando-o como Imprensa Alternativa estarei dialogando constantemente, mas não somente, com Sérgio Luis da Silva Mendes através de sua dissertação de mestrado: *Sem Medir As Palavras: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba – PI (1977-1982)*, vista a imensa relevância de seu trabalho para a composição deste, uma vez que Sérgio faz uma ampla análise do jornal quanto à sua atuação social em Parnaíba no período de 1977 a 1982.

Esta pesquisa procura analisar elementos dentro do periódico que se caracterizem como mobilização de estudantes, algo como protestos, reclamações, insatisfações, apoio, promoções de eventos e/ou ideais políticos ou qualquer tipo de expressão que se faça acontecer por parte da massa estudantil da cidade através deste tipo de veículo informativo, que como já foi anunciado anteriormente foi de grande relevância para a contestação ao regime militar implantado no Brasil.

---

<sup>30</sup> Paulo de Almeida Viegas: O Centro Popular de Cultura – uma Abordagem Histórica.

A imprensa dita alternativa se fazia como uma ‘alternativa’ de contestação ao regime militar vigente no Brasil, visto que a grande imprensa formada por jornais de grande porte, e em sua maioria custeados pelo Estado ou pelo Governo tinha como principal meta o reforço ao sistema militar no certame de propagar ideais ufanistas-militares:

Segundo Kucinski, “durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar.”<sup>69</sup>. Estes periódicos ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A nomenclatura nanica é devido ao formato tablóide o qual foi adotado por grande parte dos jornais alternativos. Estes jornais, “em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, [...] cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico.”<sup>70</sup> A imprensa alternativa era, para o autor, um veículo de comunicação que destoava do discurso da grande mídia, inclusive por se opor ao discurso oficial. Por conta disto, eram perseguidos pelo aparelho militar e os considerados mais importantes eram tidos como inimigos e tinham que passar por uma censura prévia. (Sérgio, 2012 – p. 37)

Bernardo Kucinski defende que os produtos da chamada imprensa alternativa, ou imprensa nanica (utilizarei mais o ‘alternativa’) surgiu e foi propagado como uma forma de ligação com os grupos que se denominavam de esquerda no Brasil, que por sua vez aspiravam “protagonizar as transformações que propunham”<sup>31</sup> vistas as suas oposições à grande imprensa e também aos meios universitários, pois, que se faça dizer, muitas das universidades que detinham algum tipo de ‘influência’ no meio comunicativo estavam ligadas ao governo militar, mesmo que não fosse a intenção primária ou não dividisse da mesma ideologia, mas se quisesse se manter com os recursos para tal ‘influência’ teria de acatar às considerações vigentes.

E interessante observar que a imprensa ‘alternativa’<sup>32</sup> mesmo diante de toda a especial observância direcionada a si em muitos casos ainda se fazia falar, ou seja, mesmo diante de censura pesada e outros impedimentos de circulação acima citados, a mesma ainda se fazia falar<sup>33</sup>, talvez por isso mesmo que era tão visada pelos militares. O que nos leva a refletir sobre como as mídias alternativas eram vistas pelo seu público, uma vez que eram consumidas mesmo diante das barreiras impostas para tal ato. No caso específico do *Jornal*

---

<sup>31</sup> MENDES, 2012 – p.38

<sup>32</sup> A definição de Imprensa Alternativa utilizada neste trabalho é importada de Kucinski.

<sup>33</sup> Falar neste caso alude para o ato de emitir sons, como forma de reprodução de conteúdo, mesmo com as impossibilidades do Regime Militar.

*Inovação* em alguns exemplares são percebidas atitudes tanto o apoio quanto o incentivo da população civil às críticas sob as quais o jornal se debruçava<sup>34</sup>.

De acordo com as conversas<sup>35</sup> entre Sérgio<sup>36</sup> e Kucinski<sup>37</sup> a imprensa alternativa se subdivide em dois grupos distintos, uma:

é praticamente utilizada pelos marxistas os quais encontravam nas páginas destes jornais uma oportunidade de apresentar às demais pessoas os princípios marxistas. Esta vertente da imprensa alternativa foi muito significativa já que além de discutir sobre a ideologia marxista, e os possíveis “caminhos para a revolução brasileira”, apresentava em suas páginas alguns sujeitos sociais que viviam à margem da sociedade, indivíduos que viviam, em certa medida, excluídos da história, sem rostos; a imprensa alternativa trazia para si a responsabilidade de divulgar as mazelas sociais e os protagonistas destas.<sup>38</sup>

Este tipo de imprensa alternativa tinha um envolvimento mais voltado para a emergência de sujeitos sociais isolados, que não se podiam fazer ouvir como os trabalhadores do campo e os grupos sociais que estavam a mercê quase que totalmente dos ‘patrões’. Era um desenvolvimento mais voltado e desenvolvido por operários e personagens sociais que dividiam ideais em torno do marxismo que foi propagado principalmente pelas massas estudantis dos anos 50.

O outro tipo de imprensa alternativa estava

ligada à contracultura é muito interessante porque apresentou o descontentamento de parcela da juventude dos anos 1960-1970 com relação aos valores morais imprimidos neste período, contestando as maneiras de pensar, sentir e agir de grande parte da sociedade brasileira, além de criticarem também o regime militar.<sup>39</sup>

Este outro tipo de imprensa alternativa tinha suas raízes desenvolvidas no seio dos movimentos culturais dos anos da década de 1960 e 1970 que foram protagonizados principalmente pela juventude europeia (destaque para os acontecimentos do ano de 1968 na França) e pela juventude estado-unidense (E.U.A.). Alguns destes acreditavam que era preciso experimentar o que acreditavam e o que defendiam; a exemplo disso pode-se citar a juventude existencialista que se inspirava nos textos de Jean Paul Sarte na década de 1960, ou os jovens que acabaram experimentando certos tipo de drogas para tentar abstrair o máximo da

<sup>34</sup> Como exemplo tem-se o exemplar de nº18, ano 02, de maio de 1979 na página 02, que traz uma carta de apoio ao jornal.

<sup>35</sup> Termo usado para referenciar as observações que Sérgio fez ao ler Kucinski.

<sup>36</sup> MENDES, Sergio Luiz da Silva. SEM MEDIR AS PALAVRAS: atuações do *Jornal Inovação* em Parnaíba – PI (1977-1982). Teresina – Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2012. 138 p.

<sup>37</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

<sup>38</sup> MENDES, 2012 – p.38.

<sup>39</sup> MENDES, 2012 – p.38.

realidade como uma forma de cortar os laços com os costumes capitalizados neste período do pós-guerra.

Tendo em vista o discernimento e a classificação dos tipos de imprensa alternativa desenvolvidos pelos pioneiros no tema acima citados, podemos classificar o *Jornal Inovação* entre as duas classificações, uma espécie de ‘um pouco de um e um pouco de outro’; o que será especificado nas análises do Jornal no terceiro capítulo.

## Capítulo 2. Movimento Estudantil e a Imprensa Alternativa como Instrumento de Mobilização

Antonio Mendes de Almeida Junior<sup>40</sup>, autor e historiador, afirma que antes de 1937 não se tinha ainda no Brasil uma Entidade representativa que englobasse toda a massa estudantil brasileira de uma forma uníssona, mas, houveram sim várias tentativas (sem sucesso) de consolidação de um aparelho político-administrativo que concentrasse as diretrizes representativas estudantis. Antes de uma instituição que firmasse uma unidade nacional estudantil, o Brasil teve pequenos suspiros de mobilização discente como no decorrer dos séculos XVII e XVIII (período de surgimento e crescimentos das primeiras universidades e escolas) em que algumas ações individuais se fizeram notar por seu engajamento nas transmitâncias acerca da Independência do Brasil e a criação da identidade nacional brasileira, visto que aconteciam tais eventos na Europa, sempre ídolo do Brasil em vários aspectos.

No século seguinte, o XIX, as aparições estudantis começaram a se fazer mais notórias e se encoparam mais, por assim dizer, visto que no Brasil os acontecimentos mais marcantes do ponto de vista político do então século foram a Independência, a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República. Frente a esses três marcos político-históricos brasileiros crescia a atuação estudantil no que diz respeito à categoria dos universitários, uma vez que as universidades neste período ganham notoriedade e prestígio dentro da sociedade, tanto aqui no Brasil como na Europa.

Os estudantes universitários começam a organizar e fundar o que Antonio Mendes<sup>41</sup> vai chamar de “Sociedades Acadêmicas ou Clubes Acadêmicos”. E ele completa:

Assim surgiram nessa época, vários Clubes Acadêmicos Republicanos e/ou Abolicionistas: a *Libertadora da Escola de Medicina* e a *Libertadora da Escola Militar*, no Rio de Janeiro; a *emancipadora Acadêmica*, dirigida por Gabriel Dias e Ernesto Silva, em São Paulo; o *Clube Republicano Acadêmico*, em Recife. (Junior, 1982 – p. 24)

É interessante observar que ainda sem uma organização plena e representativa os estudantes já naquela época tomavam frente ao que ocorria no quadro político do país, o que caracteriza o estudante, na sua maioria durante a juventude, como protagonista social em vários períodos políticos decisivos no Brasil.

Mas, apesar desses primeiros saltos de mobilização, é necessário que se faça lembrar a localidade de tais ‘movimentos’, uma vez que se caracterizavam movimentos locais e numa

<sup>40</sup> JUNIOR, Antonio Mendes. Movimento Estudantil no Brasil. Brasiliense, São Paulo. 2ª edição – 1982

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_.

máxima instância estaduais, não havendo ainda nenhuma forma de unificação estudantil nacional:

É dentro deste contexto que os estudantes passaram a se movimentar. Desprovidos ainda de uma estrutura orgânica que pudesse compor uma espécie de “espinha dorsal” do movimento, este apresenta uma tendência até certo ponto fragmentada, localizada. A inexistência, por outro lado, de bandeiras unificadoras (como no caso, visto acima, da Abolição ou da República) também contribuiu para esta situação. (Junior, 1982 – p. 26)

No mais diante do século XIX por voltada década de 80 e 90 com o início das campanhas militares como preparação e suporte da Proclamação da República os estudantes se fizeram presentes na completa aversão ao militarismo juvenil, por assim dizer. Em meio a esse quadro político embaralhado de inconstâncias, os jovens universitários aproveitavam a situação dos governos civil-militares transitórios da primeira república para tentar unificar um movimento nacional, visto que eram uníssonas as insatisfações e aversão às medidas militares.

No início do século XX e com a crescente insatisfação estudantil diante da instabilidade político-militar dos governos da primeira república, personificados em Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, os jovens se organizavam em pequenas campanhas contra o que julgavam arbitrariedades do governo como o Massacre de Canudos que foi duramente repreendido em nota emitida por um estudante de Direito da Bahia onde dizia que “seria uma vergonha sintomática de maiores aviltamentos no futuro se a consciência nacional, acobardada, emudecesse diante dos massacres de Canudos [...]”<sup>42</sup>

Com o advento da primeira república e ascensão de Vargas no quadro político nacional, os estudantes passam por mais uma fase de desdobramento no seu próprio ensino. É nesse período que ocorre a Primeira Guerra Mundial, e principalmente os alunos universitários não se deixaram excluir desse evento no que diz respeito a apoiar um lado ou outro, conduzidos pelos ideais políticos de então, que eram principalmente “a autonomia do Estado e a constitucionalização da Federação”<sup>43</sup>.

Neste momento os jovens se lançam como apoio à Tríplice Entente no que diz respeito ao Brasil, ou seja, eles manifestavam empatia com os ideais que moviam algumas das nações participantes desse bloco (Inglaterra, França e Rússia) visto que tais países tem histórico de movimentos sociais com os mesmos princípios dos que aqui no Brasil começam a se consolidar: luta por melhores condições de trabalho, igualdade salarial, reconhecimento do

<sup>42</sup> Rocha Pombo, *História do Brasil*.

<sup>43</sup> Poerner, Arthur José, 1939 - O poder jovem : história da participação política dos estudantes brasileiros / Arthur José Poerner. -5. ed. ilustrada, rev., ampl. e atual. - Rio de Janeiro: Booklink, 2004.



trabalho, insatisfação em relação às matizes governamentais, insatisfação diante de “privações socioeconômicas”<sup>44</sup>, etc. A Autora Angela Afonso nos traz uma boa elucidação sobre essa nova organização de movimento social e o que esses buscam:

A ruptura está no próprio nome que o fenômeno ganhou. Tratava-se seguramente de “movimentos”, no sentido de ações coordenadas de mesmo sentido acontecendo fora das instituições políticas, mas não eram, de modo algum, protagonizadas por *mobs*, tampouco por “proletários”. Eram jovens, mulheres, estudantes, profissionais liberais, sobretudo de classe média, empunhando bandeiras em princípio também novas: não mais voltadas para as *condições* de vida, ou para a redistribuição de recursos, mas para a *qualidade* de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la. [...] A criação de associações ou, mais comumente, o uso de estruturas comunitárias preexistentes, daria a base organizacional para os movimentos sociais. (ANGELA, 2009 – P. 51-52)

Além dessas razões, em muitos desses países encontra-se as raízes pátrias de vários nomes importantes de autores e personalidades que protagonizaram as discussões acerca de movimentos sociais e dinâmica social envolvendo trabalho e/ou economia, além de terem sido palco de tais acontecimentos: Engels, e suas obras sobre trabalho; Revolução na França; Revolução na Rússia.

Diante disso, os universitários agora estão ainda mais envolvidos nas causas sociais e na busca por mudanças, como por exemplo, a exigência do voto secreto no final da República Velha, o que preocupava muito o Governo Federal e principalmente o de São Paulo, visto que era onde os estudantes tinham mais influência; sem contar que o voto não secreto (voto de cabresto) era uma das bases da República do “‘café com leite’ (alternância de mineiros e paulistas na presidência da república)”<sup>45</sup>. Para o governo os estudantes agora mobilizados na corporificação da Liga Nacionalista eram um perigo constante para suas intenções, e as medidas tomadas, claro, foram de tentar acabar com a mobilização; tendo como ato principal desta ação foi que o governo federal decidiu aprovar os alunos de 1918 para 1919 sem que os mesmo fizessem qualquer tipo de exame final, através de um decreto presidencial, como forma de “gratificação” pela mobilização. Mas, suas verdadeiras intenções eram consumadas em uma única: “o enfraquecimento”<sup>46</sup> dos universitários.

O resultado disso foi que um dos líderes da mobilização

acompanhado por inúmeros outros líderes estudantis, indignou-se com o decreto presidencial, tachado por eles de imoral, e ordenou aos seus liderados que não aceitassem a atitude do governo, sob pena de serem expulsos da Liga. Alguns estudantes, [...] preferiram desligar-se da

<sup>44</sup> Gohn, Maria da Glória. Teorias dos movimentos sociais – Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Editora Loyola, 1997 – p. 26.

<sup>45</sup> JUNIOR, 1982 – p. 29

<sup>46</sup> JUNIOR, 1982 – p. 30

organização [...]. Essa divisão provocou uma debilitação da entidade, que aos poucos foi definhando até ser fechada definitivamente [...] (Junior, 1982, p.39)

Conseguiu então o governo desarticular uma mobilização estudantil “nacional”<sup>47</sup>. O que não foi cabal para que se desarticulasse totalmente as mobilizações estudantis nacionais; visto que a Liga foi desestruturada outras iniciativas de mobilização foram surgindo, como por exemplo as mobilizações a favor do operariado ainda durante os anos entre 1910 e 1920. É importante que se faça observar que apesar da frequente e construtiva participação estudantil<sup>48</sup> nas lutas sociais nacionais, estes protagonistas na maioria das vezes estavam ligados diretamente à classe operária, pois a mesma era a que mais se aproximava dos movimentos sociais nos quais eram inspirados, conforme citados acima (Revolução Russa – 1917, principalmente).

É neste mesmo momento que se verifica um grande ponto de controvérsia (por assim dizer) dentro das mobilizações estudantis da época, pois apesar de estarem ligados à causa operária, os estudantes consideraram a Greve Geral de 1917 como “uma espécie de crime contra a pátria, que estava em vias entrar numa guerra e não podia ser abalada pela chamada questão social”<sup>49</sup>.

Entre as décadas de 1910, 1920 e o início da década de 1930 as aparições do movimento estudantil nacional ainda estão concentradas no certame do centro-sul do país, como já foi dito. O que de certa forma não tinha como contribuir para alicerçar a mobilização estudantil diante da sociedade, pois, como atuar sem algo que possa dar sustentabilidade representativa nacional? Nessas condições o movimento estudantil no Brasil não podia continuar se estabelecendo de forma fracionada, regionalizada; desta forma o movimento era meio que ‘quebrado’. Mas, a partir de 1937 durante a realização de um conselho de estudantes de âmbito nacional que ocorreu na antiga Casa do Estudante<sup>50</sup> foram colocados na pauta do dia vários temas, mas a mais importante delas com certeza foi

A formação efetiva e o reconhecimento forma da UNE, bem como a provação de seus estatutos, pelos quais se tornou, oficialmente, “o órgão máximo de representação dos estudantes”, tendo “por finalidade congregar todos os estudantes no Brasil para a defesa dos seus interesses”. O Conselho Nacional de Estudantes passou à condição de órgão deliberativo da UNE –

<sup>47</sup> O termo **nacional** aqui reflete do apoio que os estudantes deram à causa de por fim ao voto não secreto e outras arbitrariedades que alavancavam a política do café com leite que era protagonizada presidencialmente por mineiros e paulistas.

<sup>48</sup> Referência a maior parte do tempo a estudantes universitários que é o eixo central da classe que trabalho nessa pesquisa; mas, havendo a participação de outras categorias estudantis que não a universitária haverá coerente referencia.

<sup>49</sup> Junior, 1982 – p. 30

<sup>50</sup> Poerner, 2004 – p. 123

exatamente o que seria, depois, o Congresso da UNE – e a nova entidade instalou sua sede e secretaria na Casa do Estudante do Brasil.<sup>51</sup>

Nesse momento então nasceu a UNE, no seio da Casa do Estudante do Brasil<sup>52</sup>. É necessário que se faça lembrar que aqui neste momento a UNE nasce como uma espécie de órgão do governo, pois, o Ministro da Educação na época instalou o Conselho Nacional e nomeou vitaliciamente a presidenta Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

Muitas pessoas criticam a UNE nesse aspecto, pois, na sua maior amplitude nacional, a entidade representativa dos estudantes brasileiros lutava exatamente contra seu próprio criador, o Governo. Mas, não é finalidade deste trabalho discutir as origens da mesma.

No ato de seu nascimento a UNE se fez constituir através de um “congresso”, e então a partir daí esse mesmo “congresso” vai se tornar o elemento fundamental de divulgação e afirmação da entidade. Com o passar do tempo, e principalmente durante os primeiros anos, a união estudantil realizava seus congressos, e no certame deles consolidava algumas bandeiras, ideais, e compartilhavam também mútua cooperação dos participantes do movimento nacional para fortalecer ainda mais a Entidade, como por exemplo, as que foram discutidas no 2º Congresso Nacional de Estudantes:

Depois de enfatizar que, “numa época de perturbações e de incertezas, de esperanças e de desilusões, a mocidade das escolas tem o dever e a necessidade de se conhecer, para, unida, poder melhor trabalhar, orientando a sua ação num sentido comum”, a convocação arrolava as teses organizadas com vistas à racionalização dos trabalhos: 1) *Situação Cultural*: a) Função da universidade; b) Orientação universitária; c) Formação e orientação profissional e técnica; d) Bolsas de estudo e viagens de intercâmbio universitário; e) Cooperação intelectual dos estudantes – nacional e internacional – e influência do intercâmbio cultural e artístico na unidade do pensamento universitário; f) Bibliotecas; g) Formação de um teatro de estudantes; h) Difusão da cultura – problema do livro e publicações; i) Ensino rural; j) Problema do ensino livre; 2) *Situação Econômica*: a) Problema das taxas e matrículas; b) Subvenção do Estado; c) Problemas da habitação – cidades universitárias; d) Casas de estudante e casas de interno; e) Problemas da alimentação; f) Birô de empregos; g) Estágio remunerado; h) Racionalização do trabalho intelectual; i) Assistência médica, dentária e judiciária; 3) *Saúde*: a) Higiene escolar; b) Educação física; c) Colônia de férias; 4) *Mulher estudante*: a) A mulher estudante frente ao problema do trabalho e em face das organizações profissionais; b) A mulher estudante frente ao problema do lar; c) As associações femininas como membros de estudo e defesa de interesses peculiares à mulher; 5) *Esporte universitário*: a) Propaganda; b) Esporte como meio de intercâmbio universitário; c) Definição do atleta universitário; d) Jogos universitários brasileiros; e 6) *União Nacional dos Estudantes*. (Poerner, 2004 – p.126-127)

<sup>51</sup> Saldanha, Alberto apud. Perner, Arthur, 2005 – pg. 20

<sup>52</sup> Junior, 1982 – p. 36

É importante iluminar um detalhe muito importante de ser mencionado, não importando o número de vezes que seja feito; o fato de que a organização estudantil no Brasil desde os seus primórdios até a criação da UNE e sua posteriori nunca se fizeram reservar única e exclusivamente ao certame dos assuntos estudantis, em especial ao espaço universitário, visto que a UNE tem sua quase totalidade<sup>53</sup> de ação representativa e deliberativa voltados para os meios universitários. Resgatando mais uma vez as palavras de Antonio Mendes Junior, em *Movimento Estudantil no Brasil* podemos ter uma ideia de como os estudantes relacionavam os seus pensamentos e anseios com relação ao que acontecia na sociedade da época e como eles pretendiam sanar o que julgava incorreto ou incompleto.

Temos um excelente exemplo disso no que foi sugerido através de trabalhos e diversas teses que foram tratadas no II Congresso da UNE:

“O fato é que, convocado em abril, o II Congresso instalar-se-ia a 5 de dezembro de 1938, [...] com a presença de cerca de oitenta associações estudantis. Desde logo, as delegações manifestaram sua intenção de colocar na ordem do dia temas de caráter político e mostrar na o quanto os universitários estavam dispostos a discutir e influir nos grandes temas nacionais, [...]. Basta passar os olhos nos títulos de algumas das teses trazidas ao Congresso, para perceber tal fato: “Os Estudantes Brasileiros e a Siderurgia”, “Função da Universidade”, Situação Econômica do Estudante”, “A Mulher Estudante frente ao Problema do Lar”, “Ensino Rural”, “Orientação Universitária”, “Participação Política do Estudante”, entre outras. A maioria destas teses trazia propostas de profundas alterações no panorama econômico e social brasileiro e revelava uma preocupação ativa do movimento estudantil pelos problemas das classes exploradas. Mas talvez a tese mais significativa aprovada pelo II Congresso tenha sido justamente a que propunha alterações importantes na estrutura educacional do País, não tanto pela profundidade das sugestões, ou por seu caráter revolucionário, mas pelo fato de tratar de tema diretamente ligado aos interesses de todos os estudantes brasileiros.” (Junior, 1982 – p.38-39)

O modo como os estudantes encontravam para se mobilizar era sempre o que estivesse ao seu alcance, mas, isso não significa que eles não tiveram organização e/ou recursos para lhes auxiliar em tal empreitada. O autor Antonio Mendes Junior trouxe algumas considerações sobre a relação do Movimento Estudantil a Imprensa Universitária<sup>54</sup>, ao colocar que ainda no II Congresso da UNE, os universitários, dentre outras discussões, colocaram em pauta no evento a possibilidade de criação de uma agência de notícias universitária<sup>55</sup>, visto que a mobilização estudantil através da imprensa já se fazia operante. Nacionalmente pode-se falar

<sup>53</sup> Me arrisco a colocar mais de 95%.

<sup>54</sup> Junior, 1982 – p. 65

<sup>55</sup>

em alguns nomes de periódicos de cunho estudantil, por assim dizer, como por exemplo, “a *Tribuna Universitária*, [...] e a revista *Movimento*, órgão oficial da UNE.”<sup>56</sup>

É necessário que se faça observar a abrangência e a completude desses periódicos universitários que circulavam no país, pois, eles apesar de serem denominados ‘universitários, não tratavam apenas de temas transitados nos corredores nas universidades, mas também abordavam todas as outras células do M.E. nacional, sejam eles de escolas ou universidades. O que interessava aqui era discutir e possibilitar a mudança dos certames que alicerçavam as diretrizes da educação nacional.

Dentro desse desfecho, O *Jornal Inovação* se encontra bem representado, pois no meio de suas páginas mimeografadas, ele apresenta em alguns exemplares, os anseios e as reivindicações de estudantes de Parnaíba, no que condiz à assuntos voltados para educação.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Junior, 1982 – p.65-66.

<sup>57</sup> *Inovação*, ano 3, nº 27, fevereiro-março de 1980, p. 04.

### Capítulo 3. A Mobilização Estudantil de Parnaíba no Jornal Inovação

É preciso que se faça uma caracterização do que foi o *Jornal Inovação* juntamente com o que o mesmo representou para a cidade de Parnaíba-Pi, suas raízes e como era mobilizado. Para tal tarefa será feita a análise de alguns textos extraídos das páginas do próprio jornal, tais como o que apresentarei a seguir que caracteriza o Movimento Social e Cultural Inovação por Reginaldo Costa, um dos fundadores e principais membros e responsáveis pela existência do jornal:

#### “MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO

Reginaldo Costa

O Movimento Social e Cultural Inovação tem o propósito de congregar a juventude dando-lhe oportunidade de pensar e promover, dentro da conjuntura nacional, visualizando eventos de ordem social, cultural e política.

Este “Movimento” nasceu de uma inspiração bela, maravilhosa, em prol do desenvolvimento cultural e político da nossa cidade...

Aproveitando-se o nome do Jornal INOVAÇÃO criou-se o que pode ser considerado uma grande vitória da juventude da nossa terra.

[...] É bom, excelente, Parnaíba, possui entidades ou instituições neste estilo [...] de acreditar na ideia e no idealismo jovens... Nossa cidade transforma-se às vistas de todos, numa sociedade inútil; de bares, restaurantes, boites, e beira-rio, nos bate-papos que não conduzem a nada, apenas deturpam o sentido de ser “jovem”.

[...] Põe em evidencia o verdadeiro valor da juventude é a primeira convocação dos idealizadores e criadores do Movimento Social e Cultural Inovação.”(Inovação, ano1, nº 3 – Janeiro de 1978, p.09)

Então antes de tudo, o *Jornal Inovação* serviu como um instrumento de realização e de comunicação do Movimento Social e Cultural de mesmo nome. O interessante é que observando os textos do jornal, pode-se perceber que a juventude que protagonizou a sua fundação e organização são jovens que pertencem à uma estimada classe média estabelecida na cidade. Visto que Parnaíba nos anos 1970 e 1980 passavam por um momento de decadência verticalmente econômica. Segundo Marialice Foracchi,

“As condições da participação do estudante brasileiro no processo brasileiro devem ser investigadas no contexto de referência de sua classe de origem que é, predominantemente, a pequena-burguesia ascendente, denominada por alguns autores, como ‘nova classe média’ [...]. (Foracchi, p.221)

Essa conclusão foi extraída análise do fato de que o período político no qual estavam inseridos esses jovens do *Inovação*, pelo menos a maioria, estarem cursando universidades públicas e disporem de equipamentos para confeccionar farpas contra o regime militar. Os

meios estudantis, e principalmente o universitário receberam muitas podagens ao longo do regime, como nos foi apresentado no primeiro capítulo.

O que de fato trouxe vantagens ao movimento, pois seria muito mais complicado construir algum tipo de resistência sem que tivessem qualquer tipo de aparato disponível para tal. Não estou me desfazendo aqui das palavras de ordem da juventude resistente à ditadura militar: A Imaginação no Poder, e circunvizinhos<sup>58</sup>. Mas, é preciso que se diga que além de coragem e muita determinação é preciso também de material de apoio para se construir resistência.

Previstas<sup>59</sup> as análises do que alguns já fizeram sobre a imprensa alternativa e suas nuances, podemos chegar à conclusão de que o *Jornal Inovação* se adequa às matizes de contestação expostas<sup>60</sup> a um instrumento de contestação ao regime civil-militar brasileiro. Não se resumia apenas às questões juvenis, mas em suas páginas, ao longo de suas palavras o jornal fazia questão de colocar sua posição de ação social através do Movimento Social e Cultural Inovação<sup>61</sup> como uma ação de transformação e ação que corroborava de alguma forma a estrutura metálica do regime.

É interessante que se faça observar que os fundadores e integrantes do Jornal usavam de um discurso muito político nas suas linhas, além de transparecer em suas páginas a afinidade ou não com partidos políticos. Vejamos:

“Por todos os ideais da nossa juventude, pelo bem da nossa gente acompanhemos o progresso do homem, do homem interessando pela cultura, pela informação, pela criatividade.

Apoiados pelo MDB, uma ALA JOVEM para o Partido é a opinião do pessoal que faz o INOVAÇÃO e que, juntos, realizemos mais, pela cultura parnaibana.

O CENTRO CULTURAL DO MDB serviria de núcleo para conferências, cursos e outras afinidades culturais que não vise essencialmente a política.” (INOVAÇÃO, ano 1 – dezembro de 1977 – nº 1, p.01)

Que se faça observar que os autores também não se resguardavam quanto às críticas ao regime:

#### “Anomalia do Regime

O atual Ministro da Justiça sr armando falcão, está há meses desativado. Como não lhe sobra poder nem é ele um especialista em direito constitucional ou em técnica legislativa trata de questões menores a ele atribuiu-se apenas a lei Falcão, instrumento de opressão política, o qual

<sup>58</sup> Termos que contém o mesmo significado.

<sup>59</sup> A previsão neste caso referida condiz com todas as considerações que já fora colocadas do decorrer do trabalho até aqui, ou seja, tudo o que já foi colocado.

<sup>60</sup> Relacionadas a algo.

<sup>61</sup> Ver *Jornal Inovação* nº 3, ano 1 – 1978, pág. 09.

possivelmente sequer foi da sua autoria. Ele apenas tem a coragem de endossar as decisões do sistema.”(INOVAÇÃO, ANO I – Parnaíba, (PI.) Fevereiro 1978 – Nº 4, p. 05)

Percebe-se, portanto que o *Jornal Inovação* fazia menção constantemente e se referenciava primeiramente à Juventude, como uma espécie de classe ou grupo social distinto. O Jornal não priorizava a ação ou propagandeava prioritariamente quaisquer uns dos subgrupos juvenis, sejam eles o Movimento Estudantil, os jovens trabalhadores, os jovens da zona rural, os jovens das congregações religiosas, ou seja, lá qual for o grupo de juventude. O Jornal destacava/discriminava o nome de algum grupo em especial, quando a matéria, ou reportagem era direcionada ao mesmo, caso contrario, não.

Pelos motivos expressos na introdução deste trabalho, explanei a minha paixão pelo Movimento Estudantil e a eventual escolha de trabalhá-lo dentro do periódico *Jornal Inovação*. Pois bem, as questões que angustiavam no certame da pesquisa foram aparecendo no percurso dos estudos e no debruçar sobre os periódicos.

Em meio às leituras consegue-se perceber que o periódico em questão aqui nesta pesquisa analisado, tinha de certa forma algum contato com os movimentos estudantis e organizações representativas estudantis de outras partes do país, como trazem as páginas do jornal apresentando algumas publicações<sup>62</sup> que lhes foram enviadas:

“RECEBEMOS AS SEGUINTE PUBLICAÇÕES:

- Jornal “REPÓRTER”, enviado pelo leitor Herculano Falcão, de São Paulo.
- Boletim Informativo da RDA – fevereiro de 1980.
- Jornal “NSSA VOZ”, Órgão de divulgação e debate da UNE – União Nacional dos Estudantes.
- “PELA ANISTIA E CONTRA A DITADURA”, livreto de Bacurau da Madrugada.
- [...] Jornal do DCE, Órgão de Informação e Debate do DCE-Livre Alexandre V. Leme – Nos. 4 e –USP.
- Jornal do DCE da Bahia.
- A crise da Universidade de São Paulo, documento lançado pelo DCE-Livre-Universidade de S. Paulo.” ( Inovação ano 3, nº 27, fevereiro-março de 1980)

Como se pode perceber, o Movimento Estudantil parnaibano tinha contato com outras instâncias estudantis nacionais. Para consolidar ainda mais essa afirmação, o Prof<sup>o</sup> Fonseca Neto<sup>63</sup> nos traz algumas palavras:

[...] Fruto dessa ação meio de fora para dentro das entidades é que se conseguirá mudar, por exemplo, o caráter da "Jornada Universitária" de 78,

<sup>62</sup> Não serão reproduzidas na íntegra; apenas como consta nas páginas do Jornal.

<sup>63</sup> Fonseca Neto. Movimento Estudantil no Piauí nos Anos 70.



dando-lhe uma programação mais voltada para o debate das questões ligadas à universidade e, mais que isso, ensejando uma discussão de conjuntura nacional (inclusive do ME nacional) que trouxe à UFPI o presidente do DCE da PUC-SP e ninguém menos do que o ex-ministro da Educação, Darcy Ribeiro, recém-chegado do exílio (sua palestra ocorreria somente em março de 1979).

É necessário que se faça perceber o seguinte: quando é colocada a vós a expressão “o Movimento Estudantil parnaibano”, nela vem expressa apenas a parcela juvenil estudantil que está representada no *Jornal Inovação* através de suas matérias e/ou destaques da edição, como é o caso acima. Através dessa citação e de outras que foram observadas no jornal através das leituras é possível perceber que a relação que se dava entre os movimentos estudantis parnaibano e os do país a fora era de em primeiro lugar, de comunicação e manifestação de apoio.

É importante que se faça o registro de uma característica importante desta pesquisa que foi procurar identificar se e onde o *Jornal Inovação* se sediou, e dentro das leituras do periódico foi encontrada a residência de número 715 na Rua Vera Curz, Bairro São José em Parnaíba-Pi, a seguir:





Outra característica dessa relação é que as matérias enviadas ao *Inovação*<sup>64</sup> serviam muito de exemplo para os destinatários, visto que neste período (final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980) o Brasil passava por um momento de mudanças dentro do regime militar onde o mesmo estava começando a afrouxar um pouco as rédeas. E nisso, era um momento ideal para fortalecer as contestações sobre ele.<sup>65</sup>

É necessário expressar em um trecho de João Enrique de Castro Oliveira<sup>66</sup> resumir o contexto que deu força para a contestação juvenil<sup>67</sup> mundial e também no Brasil na segunda metade do século XX, onde está inserido o recorte temporal desta pesquisa (1977 – 1982), e que foi primordialmente caracterizado por Hobbsbawm<sup>68</sup>:

*Politicamente* tumultuado (Guerra Fria, mísseis em Cuba, lutas de libertação em Cuba, revolução na China, ditaduras latino-americanas, tecnocracias vermelhas, tecnocracias brancas, guerra no Vietnã, campanhas pelos direitos civis, movimento negro, grandes passeatas...), *economicamente* heterogêneo (bem-estar social, consumo em larga escala, crises do petróleo, milagres de mentira, inflação, subnutridos, subdesenvolvidos, greves, especulações, cada vez mais velozes, concentração de capital cada vez mais selvagem...), *culturalmente* explosivo (*beatniks* no ritmo *be-pop*, indústria cultural a todo gás, sonhos feitos de eletrodomésticos, *rock'n'roll*, o tédio da juventude do bem-estar, a rebeldia autêntica, a rebeldia enlatada, o cinema *underground*, as rupturas epistemológicas, as histórias em quadrinhos marginais, a imprensa alternativa, os jovens *drop-outs*, as feministas, os ecologistas, os pacifistas...).

Dentro dessas colocações é possível observar que dentre as causas de fortificação de contestação e mobilização juvenil, estão bem demarcadas as inquietudes da juventude estudantil. E complementado está também o fato das ditaduras latino-americanas (civil-militar no que diz respeito ao Brasil) e todo o seu aparato repressor. No que concerne à relação entre os estudantes parnaibanos e a ditadura, podemos refletir sobre isso tendo contato com algumas das matérias mimeografadas dentro do *Inovação*, como por exemplo:

“Já que está mais do que provado que não será este o governo a tomar iniciativa de nos dar mais verbas. Primeiro porque ele faz parte do mesmo grupo que em 1964 assaltou o poder e vem, ano a ano, diminuindo o montante de verbas destinadas às necessidades básicas da população brasileira e desviando-as ao fortalecimento das forças armadas. [...] E quanto mais procuramos, mais poucos encontramos deste “Mar de Lama”.

<sup>64</sup> Sempre será usado o *itálico* ao citar o jornal; o mesmo foi interpretado como citação/referência.

<sup>65</sup> Skidmore, Thomas E. De Castelo a Tancredo. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988 – p. 323.

<sup>66</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense.

<sup>67</sup> Resguardada a opção de destacar que a juventude interessante aqui nesse contexto é a juventude estudantil, que via na educação a cura para a amplitude de visão de mundo da sociedade e a eventual revolução social no que diz respeito à educação ser a ponta de lança deste processo.

<sup>68</sup> Hobbsbawm, Eric J. 1917- Era dos Extremos : o breve século XX: 1914-1991 / Eric Hobbsbawm ; tradução Marcos Santarrita ; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Queremos mais verbas para a educação [...]; Queremos ensino público e gratuito para todos e em todos os níveis! Queremos melhores condições de ensino e de vida! Vitórias que serão conquistadas a partir da ampla mobilização e organização do povo brasileiro exigindo uma nova estrutura econômica financeira, social e política. Que passam, como já vimos, pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte.” (*Inovação*, ano 5, nº 39, janeiro de 1982 – p. 09)

Com isso a noção que temos de relação dos estudantes para com a ditadura, pelo menos no ponto de vista dos olhos dos estudantes, é que o movimento estudantil realmente não tinha receio algum de exigir o que lhes era seu por direito. E não o tinham medo por estarem diante de uma Ditadura Militar. Em outro momento os estudantes fazem uma manifestação de repúdio ao regime no que diz respeito ao tratamento para com a educação e deixam sua mensagem de apoio e esperança às futuras lutas e bandeiras levantadas pelo movimento:

“Greve dos estudantes

Em 1968 esses militares tiveram uma brilhante idéia: implantar no Brasil de nós outros o ensino pago. [...] Foi ai que em 79 os estudantes reconstruíram a UNE – União Nacional dos Estudantes, que teve importante papel contra o “pacote portela”. Em 80 surge o projeto das “autarquias especiais” e em 81 o projeto das fundações. Foram derrotados pelos estudantes, professores e funcionários.

Exilaram e mataram representantes da UNE. Não adiantou. A luta continua

Os universitários de todo o país indo contra a portaria de Nº 3 – que aumentava o preço das refeições de Cr\$8,00 para Cr\$130,00 e Cr\$30 para estudantes carentes e não carentes – fizeram inflamar movimentos grevistas.

[...] Ainda temos muito que lutar, mas a conscientização alcançada pelos universitários do Piauí conduzirão nossas lutas reivindicatórias a obtermos em ensino mais digno, mais justo e melhor. Enfim, traremos a democratização para dentro das universidades.” (*Inovação*, ano 5, nº 40, fevereiro-abril de 1982 – p. 05)

Contudo percebemos que o Movimento Estudantil parnaibano se organizava de forma a combater veemente as lutas que tivessem de ser travados para almejar os seus objetos, que claramente era para a melhor da educação na cidade. Mas, não somente isso, em maior instancia buscavam melhores condições sociais para o povo de forma geral, caracterizando-se como sujeitos sociais de transformação da realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que se faça esclarecer que esta pesquisa não é definitiva, pois a intenção de fazer um trabalho investigativo nunca cessa em um determinado número de páginas, mas acredita-se que quando um objetivo é alcançado. Há esperança de que este trabalho possa ajudar outros trabalhos serem formados, assim como outros trabalhos ajudaram a formar este.

É válido que se faça notar a importância e a relevância que teve o *Jornal Inovação* no que diz respeito a abrigar as ansiedades e desejos da juventude estudantil parnaibana na época em que o jornal foi existente. Como colocou Antonio Mendes Junior a juventude caracterizada pela “situação de transitoriedade, de descompromisso relativo com o processo de produção”<sup>69</sup>, dentre outras “despreocupações” é o motor das transformações sociais que aconteceram no Brasil durante principalmente a segunda metade do século passado. Essa condição de passagem permite ao jovem o interesse mais apaixonado por uma causa, visto que as suas descobertas estão sempre carregadas de excitação quando o objeto de sua apreciação se torna familiar à sua vontade de se fazer ser na sociedade.

Foi essa a vontade dos jovens estudantes que compuseram o movimento estudantil parnaibano de 1977 a 1982, a ânsia de mudança, de conquistas. Se o leitor tiver a oportunidade de degustar a leitura de qualquer um que seja dos exemplares do *Inovação* vai perceber que estas palavras não são efêmeros e nem maquiadas. Estas palavras são as mesmas palavras daqueles jovens que há mais de trinta anos atrás gritavam as mesmas palavras de ordem e empunhavam as mesmas bandeiras que aqui são empunhadas. A atual juventude assim como a deles é repleta de efemeridades, e com elas muitas decepções e fugacidades.

---

<sup>69</sup> JUNIOR, Antonio Mendes: Movimento Estudantil no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense: 2ª ed. 1982, p.08 – 09)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SKIDMORE, Thomas E. **De Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. Introdução e Organização. **OS ANOS de chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

POERNER, Artur José. **O Poder Jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros. 4ª ed. São Paulo: Centro de memória da Juventude, 1995.

KEHL, Maria Rita. *As duas décadas dos anos 70, nos ANOS 70: trajetórias*. – São Paulo. Iluminuras: Itáu Cultural, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. Editora Loyola, Ipiranga – São Paulo, 6ª edição, 2007.

JUNIOR, Antonio Mendes: **Movimento Estudantil no Brasil**. São Paulo, Editora Brasiliense: 2ª ed. 1982.

MENDES, Sergio Luiz da Silva. **SEM MEDIR AS PALAVRAS: atuações do *Jornal Inovação em Parnaíba – PI (1977-1982)***. Teresina – Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2012.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

POMBO Rocha, **História do Brasil**. 10 v. Rio de Janeiro: JF Saraiva e C. Editores, [1905 - 1930].

Hobsbawm, Eric J. 1917- **Era dos Extremos : o breve século XX: 1914-1991** / Eric Hobsbawm ; tradução Marcos Santarrita ; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

## ARTIGOS

Dalmo A. Dallari. **A Ditadura Brasileira de 64**.

Paulo de Almeida Viegas: **O Centro Popular de Cultura – uma Abordagem Histórica**.

Fonseca Neto. **Movimento Estudantil no Piauí nos Anos 70**.

**SITES DA INTERNET**

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Atos\\_Institucionais](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atos_Institucionais) (acessado em 20/11/2012)

<http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/> (acessado em: 11/11/2012)

**ANEXOS**

Antiga Sede do Jornal Inovação. Rua Vera Cruz, 715 – Bairro São José





